

LITERATURA

Mergulhado no universo de seu homenageado, Oswald de Andrade, público da 9ª Flip dialogou com autores de várias tribos. Por **Luíza Mendes Furia**, de Paraty

Canibalismo cultural

Uma reprodução imensa da célebre tela "Abaporu" ("antropófago" em tupi-guarani), de Tarsila do Amaral, cercada de frases do "Manifesto Antropófago", escrito por Oswald de Andrade (1890-1954) no "ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha", ou seja, 1928, dominou por cinco dias a entrada da Tenda dos Autores, esperando pelo público da 9ª Festa Literária Internacional de Paraty (Flip). Encerrada no domingo, a Flip homenageou esse importante mentor do movimento modernista no Brasil. E o que se seguiu foi algo digno do homenageado, um homem irreverente e transgressor, que "soube usar a arma do riso", como disse o mestre da crítica Antonio Candido na concorrida conferência de abertura, nas suas palavras o "testemunho de afeto" de um "sobrevivente".

"Ele foi um grande ativista intelectual. Sem ele e sem Mário de Andrade, o modernismo brasileiro não teria sido o movimento literário importante que foi. Era um grande agitador de ideias", descreveu Candido, que foi amigo de Oswald entre 1945 até a morte deste. O ensaísta professor emérito da Uni-

versidade de São Paulo não só contou anedotas biográficas como deu uma ideia geral da obra oswaldiana para a plateia.

Já o crítico e compositor José Miguel Wisnik, que foi aluno de Candido, falou também na inauguração sobre a influência oswaldiana na sua geração, que frequentou a universidade nos anos 1960, época de retomada do interesse pelo autor, com a criação do tropicalismo e a primeira encenação da peça "O

Pessoas pareceram mais interessadas no diálogo com autores e na sua história de vida do que na exploração teórica da obra oswaldiana

Rei da Vela", de Oswald de Andrade, por José Celso Martinez Corrêa. O diretor teatral, a propósito, montou um espetáculo especialmente para o encerramento da 9ª Flip. E Wisnik foi uma das estrelas do show de abertura, ao lado de Celso Sim e Elza Soares.

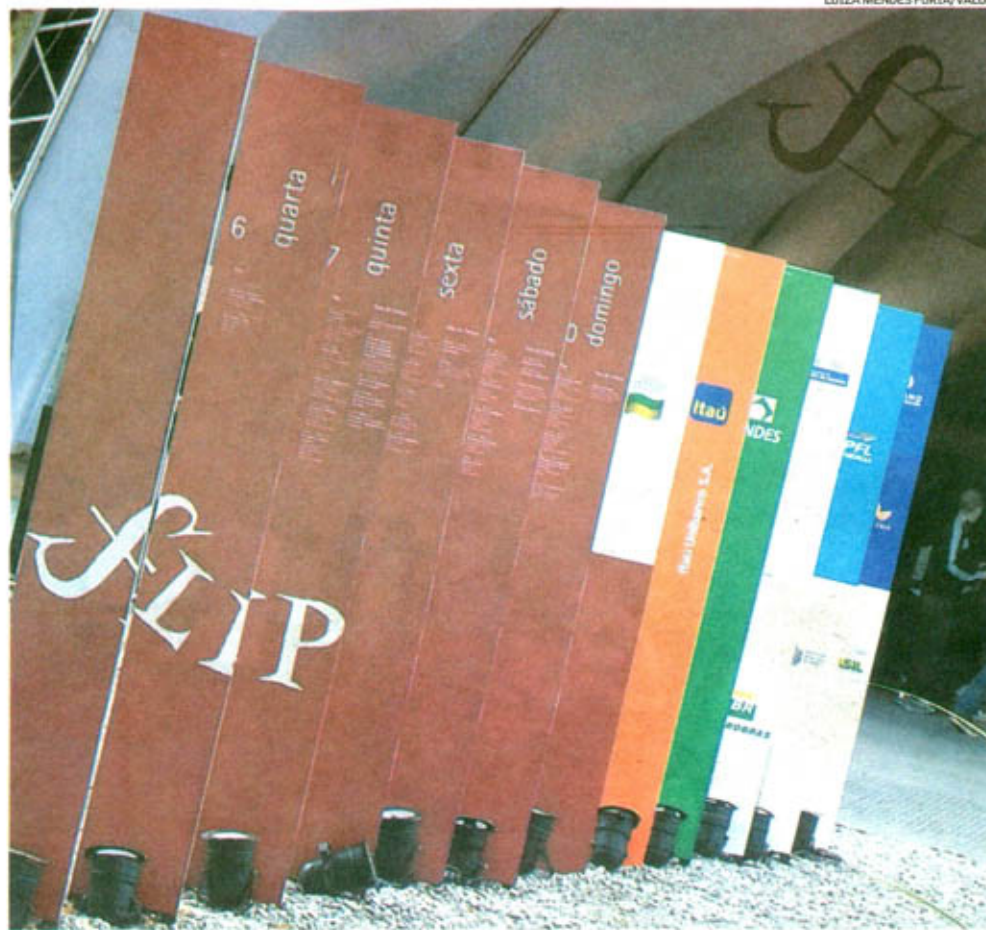
A partir daí, quem quis pôde praticar o canibalismo cultural e assimilar à sua realidade o que havia de melhor ao assistir à apresentação dos mais variados autores que, em sua maioria, valorizaram o humor e a fina ironia. O clima de sintonia só foi abalado durante o debate com o cineasta e intelectual francês Claude Lanzmann. O diretor do longo e importantíssimo documentário "Shoah", sobre o extermínio de judeus durante a Segunda Guerra Mundial, irritou-se com o mediador e até ameaçou ir embora. A atitude enfureceu o curador deste ano, Manuel da Costa Pinto, que o acusou de, paradoxalmente, agir como os nazistas. O incidente obrigou a Casa Azul, organizadora da festa, a emitir uma nota esclarecendo a situação: "A Associação lamenta o uso de uma palavra inadequada em relação a um convidado cuja presença engrandeceu a Flip em 2011".

O número de convidados dos debates principais foi equilibrado: 18 estrangeiros e 16 brasileiros (incluindo aí o italiano radicalizado no Brasil Contardo Calligaris). Alguns, mais expostos na mídia, atraíram, é claro, a atenção. Assim, os ingressos para ver, entre outros, o escritor João Ubaldo Ribeiro, o quadrinista maltês Joe Sacco, o atual mestre americano do romance policial James Ellroy e David Byrne, ex-Talking Heads e ecologista adepto do transporte por bicicleta, esgotaram-se rapidamente, já em junho.

No entanto, o auditório ficou praticamente lotado — e em seguida o estande da Livraria da Vila e a Tenda dos Autores, onde havia sessões de autógrafos — em mesas como as do argentino Andrés Neuman, que depois dessa Flip deverá se tornar um autor bastante conhecido no Brasil, haja vista o vivo interesse que despertou na plateia, e do francês Emmanuel Carrère, também pouco conhecido por aqui até então. Igualmente marcante foi o jovem português valter hugo mãe, que arrancou risos e aplausos com um discurso em que contava como foi aos poucos, a partir da infância, se inteirando da vida brasileira, ao fim do qual, ovacionado pelos espectadores, chorou de emoção.

Outro encontro bastante apreciado foi a mesa No Calor da Hora, com os editores de revistas literárias americano John Freeman ("Granta") e mexicano Enrique Krause ("Letras Libres"). Ali o assunto foi literatura e cobertura jornalística e também a velocidade com que todo tipo de informação está disponível — uma realidade criticável, como observou Freeman, autor do livro "A Tirania do E-mail" e do "Manifesto por uma Comunicação Lenta", que saiu no "Wall Street Journal" em 2009.

Esse público de muitos "turistas aprendizes" (com o perdão de Mário de Andrade,



Entrada da Tenda dos Autores: um público atento e receptivo recebeu os 36 convidados e seus mediadores na conferência de abertura e nas 18 mesas de debate

evidentemente citado em muitas ocasiões) e outros nem tão aprendizes assim pareceu mais interessado no diálogo com escritores, na sua história de vida, na leitura de trechos de obras, no lançamento de livros, do que na exploração teórica da obra de Oswald, embora tenham sido muito interessantes as mesas da especialista brasileira Marcia Camargos e do professor argentino Gonzalo Aguilar e a que reuniu, no último dia, os escritores e professores Eduardo Sterzi e João

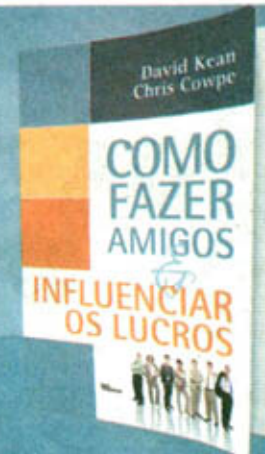
César de Castro Rocha. Afinal, o próprio homenageado já preconizava, no "Manifesto da Poesia Pau-Brasil" (1924): "Nenhuma fórmula para a contemporânea expressão do mundo. Ver com olhos livres".

A "contemporânea expressão do mundo" estava por toda parte. Diariamente, à frente da tenda principal, via-se a incansável dupla de atores e escritores paraibanos Macambira (Fernando Rocha) e Querindina (Marinalva Bezerra), sempre presente na festa literária



AMIGOS, AMIGOS. NEGÓCIOS FAZEM PARTE.

Como a amizade com seus clientes pode garantir o sucesso de sua empresa.

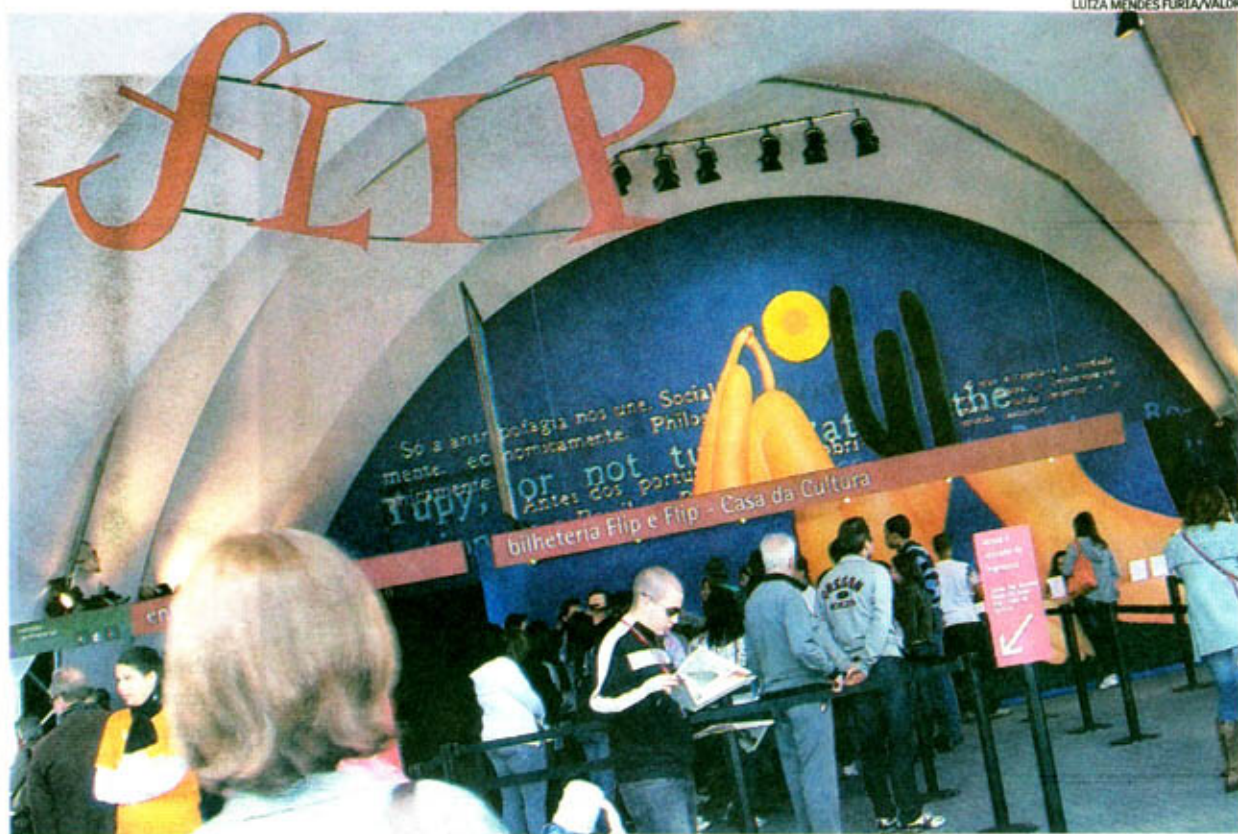


de R\$ 22,90

por R\$ 18,90*

Saraiva
saraiva.com.br
vendas 4003-3390

*As ofertas anunciadas são válidas de 14/07/2011 a 31/07/2011 ou enquanto durarem os estoques, em todas as lojas Saraiva e no site www.saraiva.com.br

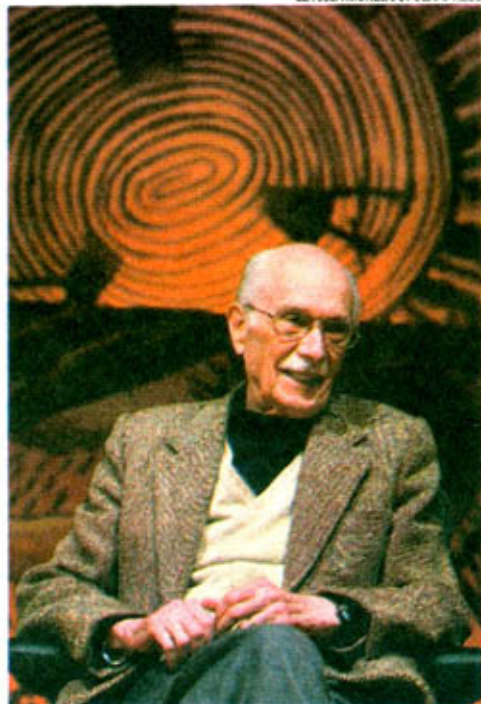


LUÍZA MENDES FURIA/VALOR

O "Abaporu" soberano: quem quis pôde assimilar à sua realidade o que havia de melhor ao assistir ao debate de vários autores, que, a exemplo de Oswald, valorizaram o humor

ria, chamando a atenção de quem passava para a literatura de cordel. "Poetas" havia por toda parte, muitos com a indefectível pergunta "Você gosta de poesia?", como se gostar do gênero levasse à compra automática de seus versos. De vez em quando, grupos aglomeravam-se em torno das estátuas vivas de uma "sereia" ou de um "pintor". E grande parte dos bares exibia a fórmula "um banquinho e um violão", misturando vozes e sons pelas ruas do centro histórico.

LETICIA MOREIRA/FOLHAPRESS



Antonio Candido na conferência de abertura: "Sem ele [Oswald] e sem Mário de Andrade, o modernismo brasileiro não teria sido o movimento literário importante que foi"

Do Brasil para o mundo

"Só a Antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente", diz a primeira frase do "Manifesto Antropófago". No clima dessa filosofia oswaldiana, a ministra da Cultura, Ana de Hollanda, e o presidente da Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Galeno Amorim, lançaram no primeiro dia da Flip o edital Programa de Bolsas de Tradução e Publicação de Reedições. Até 2020, o setor deverá receber R\$ 12 milhões do Fundo Nacional da Cultura (FNC).

Segundo Galeno, a expectativa é triplicar o número de obras nacionais editadas fora do país. De acordo com informações obtidas na FBN, para o biênio 2011/2012 estão sendo ofertados recursos de R\$ 2,1 milhões e as inscrições do edital ficarão abertas inin-

Festa foi encerrada com uma "interpretação zecelsiana", ou seja, dionisíaca, do "Manifesto Antropófago"

terruptamente. Vale lembrar que o Brasil estará diante de ótimas oportunidades de negócios para esse setor: já em outubro, será o país homenageado no Festival Europalia de Bruxelas (Bélgica). O mesmo ocorrerá em 2013 na Feira de Frankfurt (Alemanha) e em 2014 na de Bolonha (Itália).

A preocupação com melhor difusão da literatura brasileira no exterior, a propósito, foi o tema de uma sessão de dois painéis consecutivos na noite do dia 7 na Casa da Cultura — Literatura em Língua Portuguesa: Caminhos Abertos e Literatura em Tradução no Mundo: Oportunidades e Barreiras. O evento integra o projeto Brazilian Publishers, parceria entre a Câmara Brasileira do Livro (CBL) e a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil), cujo objetivo é promover a internacionalização do setor editorial.

Os debates contaram com a presença, entre outros, do jornalista Claudiney Ferreira, do programa Conexões do Itaú Cultural; da agente literária Lúcia Riff; do próprio Galeno; de Erroll McDonald, editor da Pantheon Books/Random House; de valter hugo mãe e do escritor e editor brasileiro Marcelo Ferroni.

Ao que tudo indica, a língua portuguesa deixará de ser um obstáculo para autores, editores e leitores e a divulgação da literatura brasileira em países como Estados Unidos, Alemanha, França e Japão finalmente será incrementada.

Ocupação dos espaços

A Flip deste ano revitalizou a área onde é realizada e destinou espaços distintos para a Flipinha (infantil), a FlipZona (juvenil) e outras atividades. Ao lado da Tenda dos Autores, os organizadores instalaram uma exposição com material em boa parte inédito fornecido por Marília de Andrade, filha de Oswald.

Em cálculo ainda não consolidado, o diretor-presidente da Associação Casa Azul, Mauro Munhoz, informou que cerca de 20 mil pessoas participaram dos 135 eventos realizados na festa, que contaram com 139 convidados (29 estrangeiros). Fora isso, outros milhares de pessoas estiveram "presentes" pelos meios eletrônicos.

Ao fim de tudo, a Tenda do Telão foi sacudida no domingo à noite pela aguardada "Macumba Antropófaga" da Uzyna Uzona, dirigida por José Celso Martinez Corrêa, uma "interpretação zecelsiana do 'Manifesto Antropófago'", como disse o curador Costa Pinto, o que significou uma encenação dionisíaca, com vinho, frutas e muita nudez, além da leitura dos textos de Oswald e outros autores.

Assim foi no ano 457 da deglutição do bispo Sardinha. ■